

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Josiana Ayala Ledur

**KARATE NO RIO GRANDE DO SUL:
as contribuições de Akira Taniguchi**

**Porto Alegre
2012**

Josiana Ayala Ledur

**KARATE NO RIO GRANDE DO SUL:
as contribuições de Akira Taniguchi**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Educação Física pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof.^a Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre
2012**

Josiana Ayala Ledur

**KARATE NO RIO GRANDE DO SUL:
as contribuições de Akira Taniguchi**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Fabiano Bossle - UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

AGRADECIMENTOS

A finalização deste trabalho representa que mais uma etapa significativa de minha vida foi concluída. Agradeço imensamente a Deus por mais esta realização, e por ter sido, em todas as etapas, auxiliada por pessoas que me são muito caras. E a estas pessoas que dedico meu agradecimento:

Meu querido avô Antônio pelo exemplo de perseverança e bondade.

Aos meus pais Ademar e Giselda pelo amor, educação e por me mostrarem todos os dias o valioso significado da família.

Aos amados irmãos Meliana, Tatiana e Samir que são anjos em minha vida.

Ao Márcio Medeiros Ledur pela companhia em tantos momentos significativos de minha vida e pelo apoio nesses quatro anos de faculdade.

A todos os demais familiares que me deram força.

Aos amigos de todas as horas que são poucos, mas que valem por um exército.

A minha orientadora Janice pela paciência, incentivo bem como pela orientação deste trabalho.

Ao grupo PET pelos anos de convivência e aprendizado.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) pelas importantes contribuições para esta pesquisa e aos professores de Karate, Hélio Riche Bandeira, Luiz Padilla e Tiago Frosi pela colaboração na coleta de dados.

“O passado é história, o futuro é mistério, e hoje é
uma dádiva. Por isso é chamado de presente!”
Provérbio chinês

RESUMO

Este estudo trata do estilo de Karate Gōjū-ryū e de sua difusão no estado do Rio Grande do Sul, principalmente no que diz respeito à capital, Porto Alegre. O desenvolvimento do Karate, no cenário esportivo sul-rio-grandense contou com a ação de pioneiros vindos do Japão para o Brasil, na década de 1970. Entre eles, se destacou Akira Taniguchi-sensei, mestre do estilo "força e flexibilidade", cuja influência possibilitou que seu estilo figure hoje entre os mais praticados da capital sul-rio-grandense. Sabe-se que o Karate por sua tradição cultural, estabelece uma relação muito forte entre a arte e o seu mestre, que instrui seus alunos em aspectos técnicos e de conduta. Nesse sentido, através de testemunhos de pessoas que conviveram com o sensei Akira, buscou-se estabelecer uma relação entre o estilo e o mestre, objetivando trazer as contribuições de Akira para o estilo Gōjū-ryū de Karate no Rio Grande do Sul. Podendo citar, a conquista do Campeonato aberto de Karate da Gōjū-kai por atletas gaúchos e a continuidade do seu trabalho através de reconhecidos mestres da cidade de Porto Alegre.

PALAVRAS-CHAVE: Karate, história, imigrantes japoneses.

ABSTRACT

This study treats of style of Karate, Gōjū-ryū and his dissemination in the state of Rio Grande do Sul, especially with regard to the city of Porto Alegre. The development of Karate in the sports scene in Rio Grande do Sul, had the action of the pioneers from Japan to Brazil in the 1970's. Among them stood Akira Taniguchi-sensei, master of style "strength and flexibility," whose influence enabled his style appears today among the most practiced of the capital of South Rio Grande. It is known that the Karate for its cultural traditions, establishes a strong relationship between art and its master, who instructs his students in technical aspects and conduct involving the practice. In this sense, through the testimonies of people who lived with the sensei Akira, sought to establish a relationship between the style and the master, aiming to bring contributions of Akira for the Goju style of Karate in Rio Grande do Sul. Can cite, winning the open championship of Karate Goju-Kai by athletes and Gauchos continue their work through the recognized masters of the city of Porto Alegre.

KEYWORDS: Karate, History, Japanese Immigrants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Akira Taniguchi, introdutor do estilo Gōjū-ryū de Karate no Rio Grande do Sul.....	21
Figura 2 - Foto de Sensei Akira Taniguchi na época que era 5º Dan no Budokan Dojo, Pinetown, S.A, 1960.....	22
Figura 3 - Akira na academia Meibukan de São Paulo, 1963	22
Figura 4 - Reportagem sobre a vinda de alunos sul africanos a Academia de Karate Gōjū-ryū do Brasil.....	23
Figura 5 - Torneio de demonstração de Karate em São Paulo.....	24
Figura 6 - Akira em divulgação de viagem na redação do jornal A GAZETA ESPORTIVA.....	24
Figura 7 - Linhagem do estilo Gōjū.....	26
Figura 8 - Linhagem de mestres do Gōjū-ryū e do Naha-te, que originou o estilo..	26
Figura 9 - Porcentagens de cada estilo de Karate no Rio Grande do Sul.....	27
Figura 10 - Cartão pessoal de Akira Taniguchi como presidente da empresa Sanflora de chás e fitoterápicos.....	30
Figura 11 - Concentração Copa Goju-kai, 1996.....	33
Figura 12 - Atletas da Goju-ryu na copa Goju-kai após a vitória de Handel Dias, 1996.....	34
Figura 13 - Reportagem do jornal Zero Hora 2 de agosto de 1996.....	35
Figura 14 - Carta sensei Akira.....	36
Figura 15 - Resolução da Câmara Municipal de Porto Alegre.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4 NOS RASTROS DA HISTÓRIA DO KARATE NO BRASIL	18
5 AKIRA TANIGUCHI E O KARATE GŌJŪ-RYŪ	21
5.1 KARATE GŌJŪ NO RIO GRANDE DO SUL	25
5.2 DINÂMICA DAS AULAS DE KARATE	29
5.3 INCENTIVOS PARA ALÉM DAS TERRAS BRASILEIRAS	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41
Anexo 1- Carta de Cessão de Direitos	42

1 INTRODUÇÃO

Na região conhecida como Okinawa, hoje pertencente ao Japão, originou-se uma arte marcial de características peculiares. Desenvolvida a partir de técnicas de defesa, buscava a resistência sem o uso de armas. Utilizando-se principalmente de movimentos técnicos e sincronizados de mãos e pés o Karate busca, acima de tudo, um equilíbrio entre a mente e o corpo, pelo qual o praticante terá a oportunidade de evoluir integralmente.

Aos imigrantes japoneses atribui-se a responsabilidade pela introdução do Karate em território brasileiro, a partir da chegada do “navio Kasato Maru em 1908” (BARTOLO, 2009, p.7) ao porto de Santos e após a Segunda Guerra, quando houve uma segunda grande migração dos japoneses que se estabeleceram em São Paulo. Com o propósito de difundir o Karate no sul do Brasil, na segunda metade do século XX, vieram para Porto Alegre os pioneiros Luis Watanabe, do estilo Shōtōkan, Takeo Suzuki do estilo Wadō-ryū, Shunji Hinata do estilo Shitō-ryū e Akira Taniguchi, do estilo Gōjū-ryū (OLIVERA; FROSI, 2005).

Após a vinda destes precursores, o interesse por esta prática foi aumentando e novos adeptos foram adquiridos, o que levou o Rio Grande do Sul, já na década de 1970 a ocupar o posto de uma das maiores forças do Karate no Brasil.

O Karate-Dō se originou a partir de um extenso processo multicultural, evidenciado por um conflito de identidades que permeiam o desenvolvimento de sua própria história, e da falta de reconhecimento desta arte marcial como pertencente a nação japonesa, pelo seu próprio povo até hoje (ANDRETTA, 2009; TAZAWA, 1980 apud FROSI; MAZO, 2011).

No século XIV, o arquipélago Ryūkyū, estado vassalo ao império chinês desde o século XIII ou XIV, tinha como ilha principal Okinawa, a qual foi submetida a leis que proibiam o uso de armas. Além disso, os camponeses deste arquipélago tinham que pagar altos tributos exigidos pela aristocracia e a falta deste pagamento poderia acarretar no mínimo em situações de humilhação, sendo a pena mais grave a perda de todos os bens ou da família. (CAMPS & CEREZO, 2005; NAKAZATO, OSHIRO, MIYAGI, TUHA, KOHAGURA, HIGAONNA, TAIRA & SAKUMOTO, 2003; YAMASHIRO, 1993, apud FROSI; MAZO, 2011).

Estes fatos levaram os camponeses a criarem formas de se exercitar e se defender contra seus opressores. Outro fator apontado para uma nova onda de

desenvolvimento do *Te* foi um segundo decreto de proibição do porte de armas feito pelos ocupantes japoneses de Okinawa em 1609, o clã *samurai* Shimazu de Satsuma de Kyushu (NAKAZATO et al., 2003 apud, FROSI; MAZO, 2011).

A história do Karate revela o universo de mais de 60 escolas diferentes e algumas destas escolas se originaram a partir de três importantes cidades okinawenses, Shuri, Naha e Tomari. Em Okinawa, a criação do Shuri-Te se constituiu como a linha predecessora do estilo Shōtōkan de Karate, criado por mestre Funakoshi, que foi responsável por levar esta arte para o continente japonês, tomando assim grande desenvoltura. O estilo Shitō-ryū teve influência de duas linhas o Shuri- Te e Naha- Te e o Wadō- ryū já no continente teve a influência do Shōtōkan. Já o Naha-Te, de Okinawa teve a influência sobre o estilo Gōjū-ryū. (BARTOLO, 2009).

Devido à abrangência deste tema que envolve tantos estilos, trataremos de um em particular, o Gōjū-ryū “escola da força e flexibilidade” (BANDEIRA, 2006, p. 7). Esta escolha se deve ao fato deste ser um dos estilos de Karate mais praticados no Brasil, e o terceiro em número de adeptos no Rio Grande do Sul, provavelmente devido ao apoio e interesse de Akira-sensei para com a difusão da prática. (OLIVEIRA; FROSI. *In*: MAZO; REPPOLD FILHO, 2005, p. 74).

Nascido no Japão, este mestre chegou ao Rio Grande do Sul por volta da década de 1970, com o intuito de ensinar artes marciais. Foi o responsável pela introdução deste estilo no nosso estado. No sentido de aprimorar o Karate, Akira Taniguchi promoveu diversos intercâmbios culturais e esportivos entre o Brasil e o Japão, através de competições e treinamentos por ele incentivados. Sua estreita identificação com a capital gaúcha permitiu a realização de um trabalho notável ao longo de vários anos, perpetuado hoje por mestres como Hélio Riche Bandeira, professor de Karate no colégio Militar, Luiz Roberto Nunes Padilla, professor do Curso de Direito da UFRGS, Arthur Oliveira Filho, professor de Karate na Associação Cristã de Moços (ACM) e um dos mais antigos alunos deste sensei.

Este estudo tem como objetivo de reconstituir a trajetória de Akira Taniguchi no Karate Gōjū-ryū no Rio Grande do Sul no período de 1974 ao final da década de 80, bem como ressalta sua valiosa colaboração para o esporte gaúcho mesmo após seu retorno ao Japão.

A realização da pesquisa justifica-se por trazer uma importante colaboração para os estudos históricos referentes à difusão desta arte marcial no estado. Do

mesmo modo, surge como meio para obtermos informações acerca da presença desta modalidade em clubes e outros espaços por onde se difundiu esta prática a partir do trabalho desenvolvido por mestre Akira Taniguchi. Pode-se ainda destacar como relevante, o fato de existirem poucas produções científicas acerca do estilo Gōjū em nosso país, o que torna esta pesquisa um importante meio para amenizar a escassez de fontes sobre esse assunto. Desta forma, as fontes históricas primárias usadas foram documentos produzidos no período estudado, reportagens, fotos de acervos pessoais, além de outras fontes secundárias como: livros e artigos sobre a história do Karate-Dō, documentos digitalizados disponibilizados pelo departamento de estudos históricos da Prefeitura de Okinawa/Japão e outras informações oriundas de sites da internet.

Tendo em vista uma maior sintonia com o objeto da pesquisa, nos próximos capítulos será apresentada a organização estrutural da pesquisa. Estes capítulos são: Referencial Teórico; Procedimentos Metodológicos; Nos Rastros da História do Karate no Brasil; Akira Taniguchi e o Karate Gōjū-ryū, este contendo três subcapítulos a conhecer: Karate Gōjū no Rio Grande do Sul, Dinâmica das Aulas de Karate, Incentivos Para Além das Terras Brasileiras e por último traremos as considerações finais onde retomaremos as informações encontradas ao longo do texto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo elucidar os condutores teóricos que norteiam este estudo histórico. Por se tratar da recuperação da trajetória de Akira Taniguchi e de suas contribuições para o Karate Gōjū-ryū no Rio Grande do Sul, desenvolvemos esta pesquisa a partir da escrita biográfica, que segundo Del Priore (2009, p. 11): “envolve uma narrativa de movimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados”. A escrita biográfica, portanto corrobora com nossos estudos, pois é uma metodologia que se caracteriza por traçar um compromisso com a história envolvendo o processo de rememoração da qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito através da memória que neste contexto, é algo de extrema importância, presente na existência dos atores sociais, o que exige uma ética e um cuidado concernente ao seu resgate.

O conceito de memória segundo Avelar (2010) é permeada pela narrativa de movimentos concatenados que despertam a curiosidade de buscar fatos reais interpretados e codificados por aqueles que vivenciaram um momento. E ao construirmos uma biografia, devemos despender uma atenção especial quanto ao perigo de “formatarmos” os personagens, através da apresentação de uma vida marcada por regularidades e permanências, o que induziria os leitores a uma expectativa ingênua ou destorcida. É necessário percebermos que ao tratarmos da história de um indivíduo temos que ter a clareza de que não há uma linearidade, uma individualidade fixa e unitária que possa ser apresentada em um único trabalho sendo que “Os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na idéia de uma identidade” (AVELAR, 2010, p.162).

A biografia, segundo Ferrarotti (1988, p. 20) é o método, que impôs o desenvolvimento de um procedimento investigativo que levasse em consideração os atos individuais concretos, o que não poderia ocorrer por meio de generalizações ou correlações fixas, seguindo determinados padrões interpretativos, mas sim se valendo de um método que assegurasse a articulação “do ato à estrutura, de uma história individual à história social.” A biografia, ainda se utiliza de várias fontes almejando entender a história e o percurso de vida de uma pessoa através de cartas, fotos filmagens, documentos pessoais, depoimentos entre outros recursos, o

pesquisador objetiva captar a profundidade da história do sujeito (SILVA, 2005 apud JANOTTI, 2010).

Para a reconstrução de uma história de vida, podemos nos valer de depoimentos. Com isso, surge-nos a história oral por esta ser capaz de evidenciar as visões de mundo das pessoas, expressas através do depoimento de suas experiências, sendo um processo sistematizado e planejado previamente em um projeto, em que a oralidade é registrada e transportada para o meio escrito, onde se possibilita realizar análises do contexto social e individual, que são interligados e interdependentes (MEIHY, 2002). De acordo com Meihy (2002), a história oral é entendida como a história viva do tempo presente, porém com premissas enraizadas no passado, em que seu valor social, individual, cultural e de memória, estão inacabados, ou em constante construção. Este autor ainda afirma que: “A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, ela não só oferece uma mudança no conceito de história, mas mais do que isso, garante o sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem”. (MEIHY, 2002, p. 15)

Nesta perspectiva, percebemos o valor democrático e humanístico da história oral, não só por tornar público experiências guardadas na memória dos depoentes, mas também por valorizar a contribuição de pessoas comuns na construção da história humana.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta as fontes de pesquisa e os instrumentos metodológicos utilizados na realização deste estudo. Com o intuito de alcançarmos os objetivos deste trabalho histórico, empregamos uma metodologia que se desenvolveu a partir de fontes orais, escritas e imagéticas, pois essas possuem funções específicas que somente uma ou outra poderia completar. Os procedimentos metodológicos adotados foram a pesquisa documental e a história oral. A pesquisa documental é um método de coleta de dados que busca amenizar influências ou intervenções do pesquisador por valer-se principalmente de documentos originais. A utilização do documento enquanto fonte para pesquisa se justifica por nos possibilitar um acesso a informações de grande relevância que podem estar esquecidos ou sem um tratamento mais aprofundado, além de possibilitar com suas informações um maior entendimento para com o objeto de estudo. Cellard (2008) define o conceito de documento como: “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte” (2008, p. 296). Podendo tratar-se de texto escritos, documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos. No limite, poder-se-ia até qualificar de documento um relatório de entrevista, ou anotações feitas durante uma observação.

A História Oral foi também empregada, por distinguir-se como um procedimento que se destina à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, baseando-se em depoimentos orais colhidos sistematicamente. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” (FERREIRA; AMADO, 2006). As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos; exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas.

Segundo Amado e Ferreira (2006):

Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultados do diálogo entre

entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação (p. XIV).

A entrevista segundo Haguette (1987, p.86) é vista como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Essa interação entre o pesquisador e o entrevistado implica a utilização ou participação de quatro componentes que devem ser explicitados. São eles: a) o entrevistador, b) o entrevistado, c) a situação da entrevista, d) o instrumento de captação de dados (HAGUETTE, 1987, p.75), onde nenhum dos elementos “faz sentido” separado da totalidade. Cada um esta em relação a outro. Sabemos que objetividade é um ideal quase inatingível, mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação (HAGUETTE, 1987, p. 76).

É importante que haja o reconhecimento que, os dados obtidos através deste processo podem estar sujeitos a subjetividades e pontos de vista próprios. Esse cuidado sugere uma maior possibilidade de minimizar certos desvios, que constituem o processo da entrevista. Contudo, antes da realização desta, é importante que haja a preparação de um roteiro contendo uma lista de tópicos ou questões, previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central da pesquisa, a fim de manter a proximidade com o tema.

Outro ponto ao qual devemos despender maior atenção é quanto à escolha dos entrevistados, é preciso incluir pessoas que poderão contribuir efetivamente com o objetivo central do estudo. A seleção dos depoentes não deve ser predominantemente quantitativa, mas sim a partir de uma posição do entrevistado, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém ir à busca daqueles que “participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam oferecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2005, p. 32).

Neste estudo, o tipo de entrevista realizada foi a semi-estruturada, em que houve a utilização de um roteiro previamente elaborado. Tendo tópicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionassem ao tema da pesquisa, a escolha por este tipo de abordagem se justifica por permitir ao entrevistado consultar sua memória de forma mais livre sem um condicionamento das respostas. A fim de encontrar

informações relevantes a respeito da vida do sensei, elegemos como imprescindível tomar os depoimentos dos ex-alunos que conviveram com Akira e que conheceram sua trajetória dentro do Karate.

Quanto às questões éticas que envolvem o trabalho com fontes orais, é necessário citar, que fica ao encargo do pesquisador explicar ao entrevistado a finalidade da pesquisa, objetivos, método, a sua participação e o uso do gravador. Ainda, esclarecer os direitos do narrador, a possibilidade de recusa do depoimento ou de cortes na gravação, a devolução do depoimento, necessidade de carta de cessão de depoimento (Anexo 1), a identificação ou o anonimato do entrevistado. Posteriormente à gravação da entrevista é realizada a transcrição desta e também a conferência de fidelidade, isto é, o texto digitado é comparado com o áudio para possíveis correções, como os erros de português e de pontuação, sem que o sentido do texto seja alterado. Uma cópia do texto transcrita tem de ser encaminhada ao entrevistado, para a autorização do uso do depoimento nas pesquisas com este tipo de instrumento.

O desenvolvimento da história deste personagem nos permite explorar um contexto histórico, e reconhecer o quanto este requer uma metodologia em que o levantamento dos dados pertencentes ao ator social de nosso interesse possam ser trazidos, de forma a assegurar uma maior compreensão da realidade a ser abordada.

Após a obtenção das informações obtidas através da pesquisa documental e dos depoimentos gravados, submetemos essas fontes à análise documental conforme (BARDIN, 2000). A escolha deste procedimento como componente de investigação se ajusta ao trabalho, pois através dela podemos organizar e agrupar informações, de modo que os significados de cada imagem, texto podem ser cruzados e reorganizados a fim de compor o eixo norteador do estudo.

As fontes relacionadas para consultas são: livros; jornais; revistas; Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul; monografias, livros, teses, dissertações, documentos digitalizados disponibilizados pelo departamento de estudos históricos da Prefeitura de Okinawa/Japão e outras informações oriundas de sites da internet e fontes produzidas através da gravação de depoimentos obtidos com professores de Karate do estilo Gōjū-ryū que treinaram com o mestre Akira.

4 NOS RASTROS DA HISTÓRIA DO KARATE NO BRASIL

Este capítulo trata da introdução e difusão do estilo *Gōjū-ryū* de *Karatedō*, especialmente no que diz respeito ao trabalho de Akira Taniguchi e o que ele proporcionou através do Karate para a cidade de Porto Alegre. Buscaremos de forma sequencial e coerente trazer informações que acompanhem a chegada do Karate ao nosso país e posteriormente ao estado do Rio Grande do Sul, a partir da trajetória deste mestre japonês cujo trabalho é continuado atualmente por seus discípulos.

O *Karatedō* é uma arte marcial que foi desenvolvida a partir de técnicas de defesa, onde se buscava a resistência sem o uso de armas. Utilizando-se principalmente de movimentos técnicos e sincronizados de mãos e pés o Karate busca, acima de tudo, um equilíbrio entre a mente e o corpo, pelo qual o praticante terá a oportunidade de evoluir integralmente. (BANDEIRA, 2006). A palavra karate para ficar completa tem que ser acrescido a ela o termo *dō* (caminho), ficando dessa forma *karatedō*, na qual o *do* seria, segundo o zen-budismo, a busca da sua própria essência.

Sua origem se deu a partir de um extenso processo multicultural, evidenciado por um conflito de identidades que permeiam o desenvolvimento de sua própria história, e da falta de reconhecimento desta arte marcial como pertencente à nação japonesa, pelo seu próprio povo até hoje. (ANDRETTA, 2009; TAZAWA, 1980 apud FROSI; MAZO, 2011).

No século XIV, o arquipélago Ryūkyū, estado vassalo ao império chinês tinha como ilha principal Okinawa, a qual possuía um sistema de castas sociais, semelhantes a China, Índia e Japão, que excluía o convívio entre os nobres (aristocracia) e clero, militares e camponeses. Os *Heimin* (termo japonês para camponeses) do Ryūkyū eram obrigados a pagar com quase todo o produto de suas colheitas, os 'tributos reais' que eram exigidos pela aristocracia na época. Estes tributos eram cobrados por uma classe guerreira (os *Peichin*) subalternas ao Rei, que impiedosamente exigiam uma gorda parcela do arroz produzido pelos camponeses. As intempéries e seus efeitos, por muitas vezes fizeram com que os *Heimin* perdessem toda ou boa parte da colheita, detalhe que não interessava aos *Peichin*, que acabavam por cometer inúmeras ações opressoras contra os

camponeses como incendiar suas casas ou mutilar e empalar suas famílias como castigo pela inadimplência.

Estes fatos levaram os camponeses a criarem formas de se exercitar e se defender contra seus opressores, os *Peichin*, a partir de técnicas de agarramento, empurrões, batidas de ombro, punho e pé, faziam o uso de ferramentas rurais como os batedores de arroz, varas, enxadas, foices, linhas de pesca, manivelas de moinho, ancinhos e outros, para se proteger das espadas, correntes e lanças dos guerreiros do Rei. A dinastia Shō, vigente neste período proibia o porte de armas pela população comum. Com isso, os Heimin passaram a sistematizar e a treinar dois sistemas de defesa pessoal que chamaram genericamente de *Te* (ou *Ti* na antiga pronúncia do dialeto de Okinawa), cujas formas eram rudimentares em relação ao que viríamos conhecer por Karate-dō e Kobu-Dō (arte marcial que utiliza armas) de Okinawa. Outro fator apontado para uma nova onda de desenvolvimento do *Te* foi um segundo decreto de proibição do porte de armas pelos ocupantes japoneses de Okinawa em 1609, o clã *samurai* Shimazu de Satsuma de Kyushu (NAKAZATO et al., 2003 apud FROSI; MAZO,2011). A partir do século XVII, houve a apropriação do *Te* pelos guerreiros de Okinawa (*Peichin*), que passaram a realizar vários intercâmbios com marinheiros e militares chineses com quem viriam a aprender as artes marciais daquele país e passariam a desenvolver a arte que chamariam de Tō-de (no dialeto de Okinawa, e Karate em japonês). (FUNAKOSHI, 1999; YAMASHIRO, 1993 apud, FROSI, MAZO,2011).

Como a literatura revela (SHINJYO et al., 2004; OKINAWA, 2003; FUNAKOSHI, 2000; 1999), a trajetória de mais de sete séculos de desenvolvimento do “Caminho das Mãos do Vazio” produziu mais de 60 estilos diferentes. Porém, há quatro estilos mais proeminentes, que são os mais praticados e populares mundialmente, chamados de *Dai Yon Ryū* (os quatro grande estilos): *Shōtōkan*, *Wadō-ryū*, *Shitō-ryū* e *Gōjū-ryū* (JKF, 2008).

A introdução desta arte marcial em solo brasileiro esta intimamente relacionada à chegada dos imigrantes japoneses ao país em 1908 a bordo do navio *Kasato Maru* (BARTOLO, 2009, p.7) que aportou em Santos/SP. Entretanto, o Karate no Brasil passou a ser mais difundido após a Segunda Guerra Mundial, em academias de treinamento, através da iniciativa de professores como Mitsusuke Harada que instituiu o primeiro Dojo (local de treinamento) após a década de 1950 em São Paulo, e do sensei Akira Taniguchi, na época Diretor Técnico da Associação

de Karate Meibukan, que foi responsável por estabelecer Dojos em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Em 1960 ocorreu a fundação da Associação Brasileira de Karate em São Paulo, pelo sensei Akamine, fato que contribuiu para o crescimento da arte em qualidade e número de adeptos pelo país. Quatro anos depois, em 1964 Akamine deixa de lado a Associação Brasileira de karate (ABK) que continuou a desenvolver o Karate através dos ensinamentos do Sensei Akira Taniguchi, vinculado ao Gōjū-ryū e do sensei Masahide Nakayama, que desenvolvia o Karate *Shitō-ryū* (SALMON, 2010).

5 AKIRA TANIGUCHI E O KARATE GŌJŪ-RYŪ



Figura 1- Akira Taniguchi introdutor do estilo Gōjū-ryū de Karate no Rio Grande do Sul.
Fonte: SALMON, 2010, p. 1.

Nascido no Japão, este mestre chegou ao Brasil após a segunda Guerra Mundial, para trabalhar e ensinar artes marciais (DUARTE, 2009). Porém antes de iniciar sua trajetória em nosso país, atuou em locais como o continente africano, onde ensinou Karate para nomes de grande expressividade como Hanshi Richards, conhecido como fundador das artes marciais no sul da África. Hanshi Richards teve Akira como seu primeiro professor do estilo Gōjū-ryū. Eles se conheceram, durante uma visita do sensei a África e posteriormente a convite de Akira, viajou ao Brasil para participar de alguns meses de treinamento com este sensei na sua nova sede, a Academia Meibukan, em São Paulo e Curitiba (SALMON, 2010). Portanto, Akira já possuía reconhecimento internacional ao chegar ao Brasil, uma vez que seu nome já possuía grande expressividade nesta modalidade.



Figura 2 - Foto de Sensei Akira Taniguchi na época que era 5º Dan no Budokan Dojo, Pinetown, S.A, 1960.

Fonte: SALMON, 2010, p. 3.

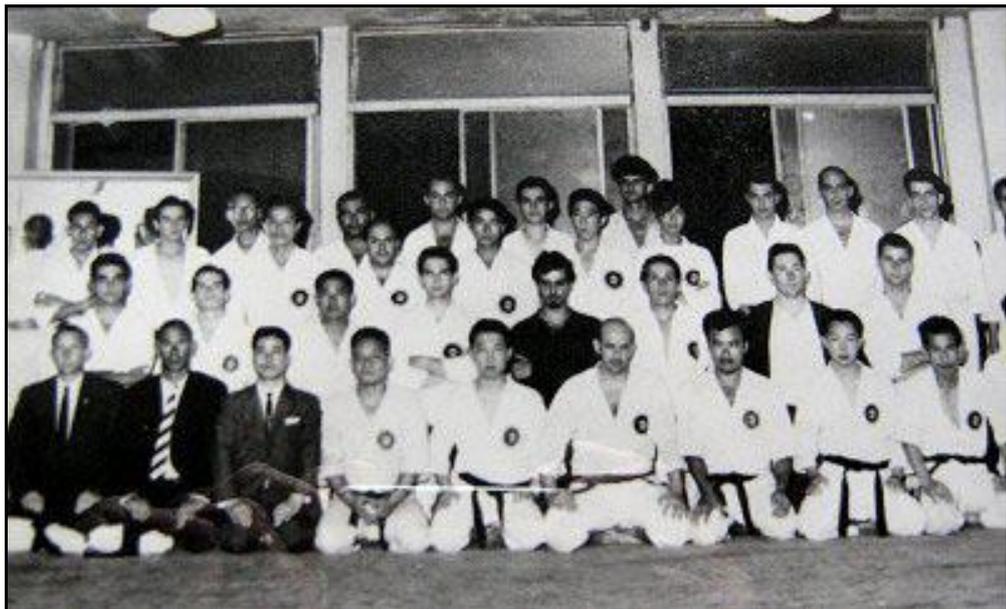


Figura 3 - Akira (3º da esquerda para direita na 1ª fileira) na academia Meibukan de São Paulo, 1963.
Fonte: SALMON, 2010, p. 3.

Em dezembro de 1963, alunos Sul Africanos vieram ao Brasil (SP) a fim de aperfeiçoarem seus conhecimentos com Akira Taniguchi. O karate desenvolvia-se intensamente em São Paulo nesta época, aumentando o conceito do karate

Apesar de ter chegado ao Brasil somente após a Segunda Grande Guerra, o desenvolvimento desta arte marcial no país já permitia, na década de 1960, a realização de torneios como o promovido por Mestre Akira, responsável pela Academia Meibukan, na Aliança Cultural Brasil Japão, que se localizava na Rua São Joaquim, 381, no Bairro da Liberdade em São Paulo.



Figura 5 - Torneio de demonstração de Karate em São Paulo.
Fonte: Arquivo pessoal professor Luiz Roberto Nunes Padilla.

No ano de 1965, Mestre Akira Taniguchi organizou o Primeiro Torneio de Karate Inter-Estadual no Brasil (SALMON, 2010), demonstrando mais uma vez seu envolvimento com a divulgação do esporte pelo país. Ainda em outra reportagem, a GAZETA ESPORTIVA (1967, p.8) divulgou a viagem do sensei à Europa, Estados Unidos, Japão e Índia onde iria estudar a história do Karate.



Figura 6 - Akira em divulgação de viagem na redação do jornal A GAZETA ESPORTIVA.
Fonte: Arquivo pessoal Luiz Roberto Nunes Padilla

Akira Taniguchi demonstrava um grande envolvimento com a divulgação e o desenvolvimento do Karate no Brasil, fosse através da promoção de torneios, cursos de aperfeiçoamento e estudo aprofundado da própria técnica. Sua ligação com o Karate ia para além do *dojo*, buscava manter as raízes desta arte indo até mesmo a outros países atrás de origens históricas, o que denota seu comprometimento com a difusão do Karate nacional.

5.1 KARATE GŌJŪ NO RIO GRANDE DO SUL

A difusão Karate no estado do Rio Grande do Sul se deveu também aos imigrantes japoneses. No âmbito local, os mestres pioneiros na difusão do *Karatedō* foram Luis Watanabe, do estilo *Shōtōkan*, Takeo Suzuki do estilo *Wadō-ryū*, Shunji Hinata do estilo *Shitō-ryū* e Akira Taniguchi, do estilo *Gōjū-ryū* (OLIVERA; FROSI, 2005). Nas décadas de 1960 e 1970 vieram para ensinar apoiados pelos representantes da *Nihon Karate Kyōkai* de São Paulo e atendendo a demanda de grandes academias abertas para difusão dessas práticas, de forma mais independente, como foi o caso do mestre Taniguchi (FROSI, 2010).

O estilo ensinado por Akira Taniguchi era o *Gōjū-ryū*, o estilo da dureza (*Gō*) e da flexibilidade (*Jū*). O fundador deste estilo foi Chōjun Miyagi, que se inspirou nos conhecimentos adquiridos a partir de Kanryo Higaonna (criador do Naha-te) e dos capítulos do importante manuscrito oquinauense *Bubishi* para escolher o nome do estilo. Este antigo manual de preparação guerreira continha em um de seus trechos a explicação de como utilizar corretamente a dureza ou a flexibilidade no combate, elemento que era considerado essencial pelo fundador (NAKAZATO et al., 2003 apud FROSI, 2010). Mais tarde, este mestre introduziu o *Gōjū* no Japão continental, tendo como um de seus principais alunos, Gogen Yamaguchi, que estruturou a *Gōjū-kai* (*organização internacional de Karate Gōjū-ryū, Japão*). Mestre Taniguchi era vinculado à *Gōjū-kai*, uma das principais organizações do estilo *Gōjū* no Japão.

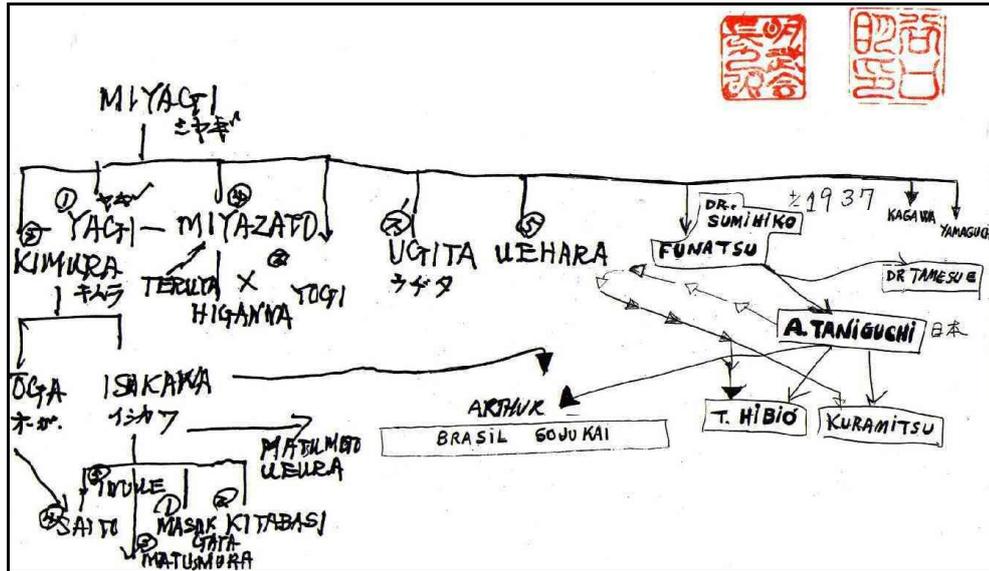


Figura 7- Linhagem do estilo Gōjū.
 Fonte: Blog Karate Gōjū-ryū

Acima, uma "árvore genealógica" escrita durante uma confraternização no Japão (96) com "karate-kas" brasileiros, com alunos nossos, e os mestres da JKF Goju-kai K. Kimura e Y. Ishikawa, que com nosso mestre no Brasil, Akira Taniguchi, traçaram essa linhagem vindo do MESTRE fundador Chojun Miyagi até a minha pessoa no Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Assim, com participação em cinco estágios e competições no Japão nos anos 90, alunos meus, do dojo da Associação Cristã de Moços e outros, lá chegaram por intermédio e ajuda de Taniguchi Sensei, que fez de tudo para aproximar o Karate do Sul do Brasil ao Karate japonês, mais especificamente o da JKF Goju-kai, nossa linha. Akira Taniguchi foi aluno de Sumihiko Funatsu, presidente da Mahato-kai, Mahato Karate Association, Japão, e um dos pioneiros do estilo no Brasil. (OLIVEIRA FILHO, 2010)

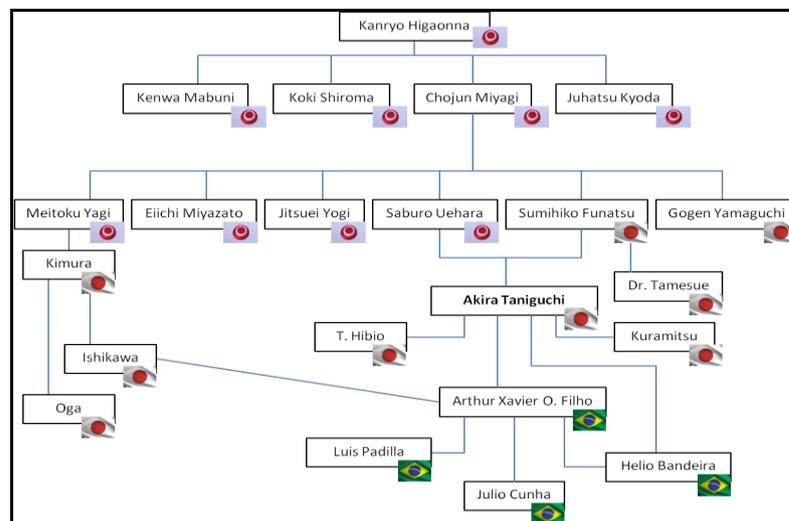


Figura 8- Linhagem de mestres do Gōjū-ryū e do Naha-te, que originou o estilo.
 Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Este estilo é também um dos mais praticados no Brasil e o terceiro em número de adeptos no Rio Grande do Sul. A maior parte dos praticantes e professores do estilo se concentra em Porto Alegre e na região metropolitana onde atualmente, o “Gōjū” possui a maior parcela provavelmente devido ao apoio e interesse de Akira- sensei para com a difusão da prática. (OLIVEIRA; FROSI. In: MAZO; REPPOLD FILHO, 2005, p. 74.)

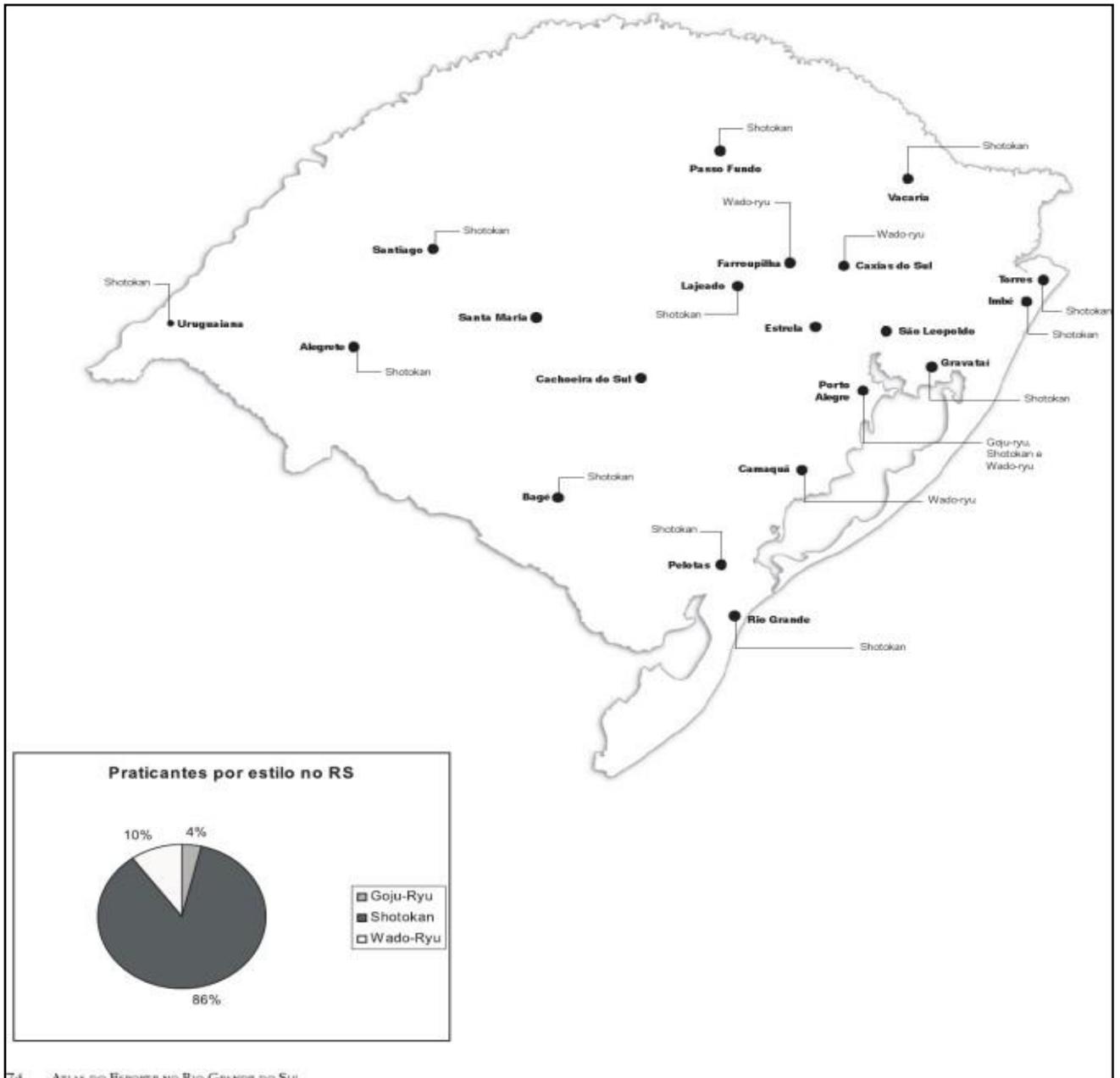


Figura 9- Porcentagens de cada estilo de Karate no Rio Grande do Sul.
Fonte: Oliveira; Froisi; In:Mazo;Repollid Filho, 2005.

Na década de 1970 com a vinda dos precursores do *Karatedō* para o nosso estado, o interesse por esta prática foi incorporando novos adeptos, o que levou o Rio Grande do Sul, já na década de 1970 a ocupar o posto de uma das maiores forças do *Karatedō* no Brasil, junto a São Paulo e Bahia. “Na época do aparecimento do Karate no estado, uma grande ajuda foi dada pela coluna sobre lutas do Jornal do Comércio, redigida pelo professor e jornalista Jorge Aveline.” (OLIVEIRA; FROSI, 2005).

Mestre Akira Taniguchi foi o responsável pela implantação do estilo Gōjū-ryū no Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente em nossa Capital (DUARTE, 2009; SALMON, 2010). Ao chegar no ano de 1974 em Porto Alegre, realizou uma de suas primeiras apresentações, que ocorreu na inauguração da academia Meibukan, que ficava localizada na Rua Siqueira Campos onde realizou o *Kata Sanchin*, (sendo kata o exercício formal do *Karatedō* que é uma representação individual de um combate contra vários oponentes). O conhecimento técnico de Mestre Taniguchi na época, em que já era 6º Dan, fez com que diversos alunos fossem treinar com ele nesta academia, conforme depoimento de Hélio Riche Bandeira:

[...] Aí em 1974 veio para o Brasil o sensei Akira, e neste ano que o grupo todo que treinava com o sensei Hinata passou a treinar com o sensei Akira. Como era uma mega academia para ela começar já com um grupo de pessoas graduadas, aí foi levado todo o pessoal da UGAPOCI que era onde nós treinávamos, na União Gaucha dos Policiais Civis, também na Siqueira Campos para a Meibukan na época. E nessa época eu passei a treinar com o sensei Akira. (Hélio Riche Bandeira depoimento em 18/08/2011)

Seus conhecimentos enquanto professor não se limitavam as técnicas do Karate, mas eram ancoradas numa ampla bagagem de combate adquirida durante a Segunda Guerra. Tanto que para um de seus alunos “Akira Taniguchi foi um dos últimos samurais, um samurai do século XX.”(Padilla 2011). Sua forma de ensinar artes marciais não se caracterizava por um sistema ortodoxo, buscava o transdisciplinar dentro do Karate, em termos atuais seria um MMA (multi martial arts). Mesmo tendo como base o seu estilo, o Gōjū-ryū, ensinava em suas aulas elementos de outros estilos de Karate, como os kata do shotokan. Baseava-se no método de Karate de Okinawa, combinado com outras artes como a da espada, o

Kenjutsu (SALMON, 2010). Buscava conciliar, através de várias artes o que era eficiente, a efetividade dos golpes.

De acordo com Helio Riche Bandeira (2011) Akira ensinava em suas aulas alguns dos katas do Shotokan como o heian yondan e o heian godan , que são respectivamente o quarto e quinto kata básico do estilo shotokan. “O sensei Akira, uma vez me falaram que ele já foi da “banca” do shōtōkan e tudo, então ele mesclava muito as técnicas de Shōtōkan com Gōjū-ryū. [...] Então, era um sistema bem diferente do que hoje é o Gōjū-ryū” [...] (BANDEIRA, 2011).

Um dos exemplos que confirma essa mescla de características de várias linhagens foi a criação de um *Kata* próprio que tinha o nome de Dippo. Este *Kata* utilizava elementos de outros estilos como Wadō, Shotōkan.

5.2 DINÂMICA DAS AULAS DE KARATE

Em meados dos anos 70, na academia Meibukan (Avenida Siqueira Campos, Porto Alegre) a frequência de suas aulas era de três vezes por semana, e como tinha dificuldade com a língua portuguesa, outro professor, sensei Shunji Hinata o acompanhava, e ficava muitas vezes de tradutor durante as aulas, o que facilitava a transmissão dos conhecimentos. Este mesmo professor era quem assumia as turmas quando Akira estava ausente. Nesta academia, Akira permaneceu por aproximadamente um ano. (BANDEIRA, PADILLA, 2011)

Em relação à frequência das aulas, Bandeira e Padilla (2011) acreditam que sensei Akira não permanecia por longos períodos em Porto alegre devido ao seu envolvimento com sua atividade comercial no ramo de importação exportação de ervas e chás com sede em São Paulo. Por conta disso, “[...] ele viajava bastante, então ele não tinha uma residência fixa. E ai ele dava aula na semana, viajava, voltava na semana dava aula [...]” (BANDEIRA, 2011)

Segundo Padilla (2011):

“Ele passou por uma serie de cidades, ele foi descendo no Brasil, da Bahia até aqui e ele ficou mais tempo em São Paulo até por questões pessoais, de negócios, pois ele se estabeleceu lá como comerciante, casou. Então ele ficava mais tempo lá, mas ele constantemente estava aqui no Rio Grande do Sul e se estabeleceu.

E foi no Rio Grande do Sul, onde ele deixou uma linha de discípulos mais estruturada porque em São Paulo talvez por ele ter essa atividade comercial, ele era muito mais um comerciante do que propriamente um professor de Karate”.

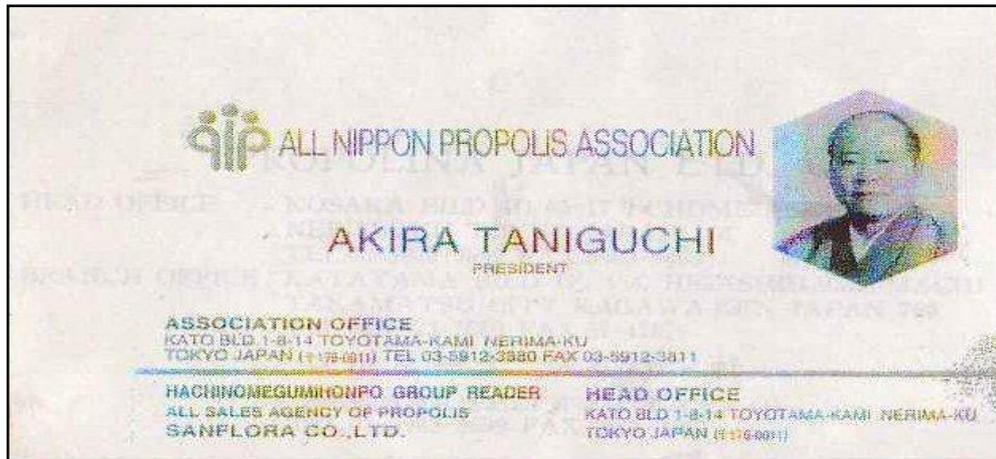


Figura 10 – Cartão pessoal de Akira Taniguchi como presidente da empresa Sanflora de chás e fitoterápicos.

Fonte: Arquivo pessoal Luís Roberto Nunes Padilla

Akira Taniguchi lecionou ainda em outros locais como a academia Kidokan, na Rua Duque de Caxias e na Associação Cristã de Moços na Washigton Luis, centro de Porto Alegre, porém não obtivemos maiores informações a respeito do vínculo dele nestes espaços.

Seu método, segundo relatos, embasava-se em princípios tidos como referências da cultura oriental e eram percebidas, na época, dentro do *dojo* da seguinte forma: se o aluno recebesse uma repreensão do professor, um tapa, um soco, um chute, ou alguma coisa do gênero, era um sinal de honra para o aluno porque o professor estava perdendo tempo com ele. O professor achava que aquele estudante valia a pena. E o sensei Akira Taniguchi tinha um comportamento marcante neste aspecto, e assim foram as primeiras aulas. Eram rigorosas:

[...] eu me lembro quando ele falava *yamê* (*parar*) e as vezes esquecia de dizer *yassumê* (*descansar*), e se alguém se mexesse, *nossa* e a gente ficava estátua e as vezes ele começava a falar e nós tínhamos que ficar firmes. Então, era assim, dentro de regulamentos, dentro de posturas[...]. Mas ao mesmo tempo, claro ele às vezes descontraia um pouco, o pessoal às vezes fazia algumas certas brincadeiras com ele. (Hélio Riche Bandeira, entrevista em 18/08/2011)

Akira Taniguchi também tinha uma forma exigente enquanto professor, e com relação à técnica muitas vezes ficava até mais tarde com seus alunos passando fundamentos ou aprimorando fundamentos ou *Kata*. Exemplificando esse comportamento, Bandeira (2011) relata “[...] até me lembro, teve duas aulas que o sensei Akira mandou todo mundo embora da academia e ficou comigo treinando e ensinando *kata*”.

Certas condutas, principalmente no que diz respeito à relação professor-aluno, são compreendidas de forma mais aprofundada entre os praticantes das artes marciais orientais, como o respeito à hierarquia, o cumprimento de normas, a disciplina e a busca pelo crescimento como indivíduo. Tais questões pertencem aos moldes da educação japonesa, e estavam presentes nos ensinamentos do sensei Akira. Porém, há nuances dessa visão que são percebidas mesmo dentro do senso comum, principalmente quanto ao fato dos japoneses serem rigorosos na sua forma de educar.

Ele era no estilo japonês [...], os japoneses são muitos parecidos, eles são um estilo de ensinar, muito duro. O japonês daquela época era totalmente incompatível com hoje, com a sistemática de hoje porque eles como é que eu vou te dizer... A arte marcial quando surge, ela era uma coisa de vida ou morte, então você só ensinava para o seu discípulo direto, para o seu filho. Então, aquela coisa de tratar mal o discípulo, o aluno, era uma forma de ele se certificar que aquele aluno não iria traí-lo, que aquele aluno tinha um respeito, uma credibilidade. Havia um pouco disso nele também, mas ele ao mesmo tempo era uma pessoa que sabia ser gentil [...]. (Luiz Padilla, entrevista em 27/10/2011)

Sua forma de ensinar e de relacionar-se com seus alunos podem ser vistas, portanto a partir destas perspectivas, do incentivo ao aperfeiçoamento e conhecimento de técnicas tanto tradicionais do Karate quanto de outras artes marciais e de um comportamento que incitava o respeito e o esforço.

5.3 INCENTIVOS PARA ALÉM DAS TERRAS BRASILEIRAS

O reconhecimento de seu trabalho teve repercussão até mesmo em revistas como a “Kung Fu” que na década de 1980, publicou sua história de vida. Um pouco depois Akira retornou ao Japão. No sentido de aprimorar o *Karatedō* brasileiro, Akira Taniguchi promoveu diversos intercâmbios culturais e esportivos entre o Brasil

e o Japão, através de competições e treinamentos por ele incentivados. Mesmo estando em outro continente sempre manteve contato com seus discípulos, um dos principais motivos destes contatos terem sido estabelecidos se devia a falta de uma organização que apoiasse os praticantes de Karate no Rio Grande do Sul. Na época em que sensei Akira permaneceu no Rio Grande do Sul, não havia uma federação que representasse os estilos de Karate (BANDEIRA, 2011). O que havia nesta época era um departamento criado dentro da Federação Gaúcha de Pugilismo, FRGP fundada em 1970. Com o passar dos anos e com o crescimento do esporte, foi havendo certa padronização dos estilos de Karate, o que levou o esporte a criar sua própria organização a Federação Gaúcha de Karate, FGK. Em 26 de Dezembro de 1988, na cidade de Porto Alegre, onde reuniram-se Euclides de Araújo, representante da Associação Cristã de Moços- ACM, Ademar Pires Brandolff, representante da ASKAB Associação de Karatê Brandolff - ASKAB e Cilon Trindade Goulart da Associação Cultural de Artes Marciais Clássicas, além dos presentes Nelson D'Ávila Guimarães, Fernando Antonio Freitas Malheiros Filho, José Eduardo Fauque de Mattei e Arthur Xavier de Oliveira Filho em Assembléia Geral e por votação unânime decidiram fundar a “Federação Gaúcha de Karatê”, nascendo assim a FGK. Sua criação surgiu com o intuito de dirigir, organizar campeonatos e promover o Karatê no RS. No estado do Rio Grande do Sul, a única entidade oficial de administração do esporte Karatê é a Federação Gaúcha de Karatê, filiada à Confederação Brasileira de Karatê - CBK. (OLIVEIRA; FROSI. *In*: MAZO; REPPOLD FILHO, 2005).

Segundo Padilla (2011) sensei Akira ao final da década de 80 ao voltar para o Japão comentou da necessidade do Gōjū ter um mestre ao qual os praticantes do Brasil pudessem se vincular, que fossem em busca por uma organização para o estilo. Então, em meados de 1980, quando foi embora, Akira sugeriu que a Gōjū do Brasil se ligasse ao sensei Akamine que foi um dos primeiros mestres que se estabeleceu no país. Porém, Akamine faleceu logo em seguida. Com isso a possibilidade de organizar o estilo e estabelecer vínculo com a *Gōjū-kai* ficou ao encargo do sensei Oshiro, mas sem sucesso devido a problemas administrativos. Como essa primeira tentativa não obteve os resultados esperados, então surgiu a possibilidade deste vínculo ser estabelecido diretamente com o Japão, pois tinham que ter alguém como mestre representante da *Gōjū*, e na época não tinha alguém com graduação alta o suficiente.

E para o estabelecimento deste contato sensei Akira promoveu intercâmbios culturais e desportivos entre Brasil e Japão. Foi o início das viagens ao continente asiático e com essas vieram as primeiras vitórias do Karate gaúcho. Em 1990 ele organizou a primeira viagem ao Japão onde Julio Cunha e Marcelo Krause puderam aperfeiçoar seus conhecimentos. Já em 1992, o atleta Julio Cunha obteve uma medalha de bronze na Copa Goju-kai, sendo o primeiro ocidental a ganhar uma premiação neste evento. Essa iniciativa o levou a ter seu nome gravado em 1992 nos Registros Esportivos do Japão e Brasil. Quatro anos depois, em 1996 o atleta Handel Dias foi campeão na mesma competição, sendo o primeiro ocidental a vencer no evento que foi realizado em Sasebo, Japão. Segundo nota da reportagem da ZERO HORA, Akira atuou como uma espécie de padrinho ajudando no custeio das passagens aéreas bem como na providencia de estadia para a delegação brasileira.



Figura 11 - Concentração Copa Goju-kai, 1996.
Fonte: Arquivo pessoal Luiz Roberto Nunes Padilla

Handel era aluno da ACM, clube co-fundador da Federação Gaúcha de Karate. É um dos dojos mais tradicionais do Rio Grande do Sul. Este dojo tem como Sensei Arthur Xavier Oliveira Filho, (6º Dan), discípulo de Akira Taniguchi, (8º Dan) introdutor do Karate Gojū-ryū no Rio Grande do Sul. Desde 1974, realiza-se anualmente no Japão o Japan Karate-Do Federation Gojū-Kai All Japan Karate-Do Championship: campeonato nacional de Karate Gojū-ryu, aberto a selecionados de países estrangeiros filiados ou convidados pela J.K.F. Gojū-Kai. Handel Dias

competiu pela primeira vez em 1995, então com 21 anos de idade e no ano seguinte 1996, em Sasebo, Província de Nagasaki, Handel voltou como capitão da equipe brasileira. Então em 22 anos de competição, Handel Dias foi o primeiro estrangeiro a sagrar-se campeão no evento.

Pela conquista, Handel recebeu um certificado e dois troféus: um definitivo, que trouxe para o Brasil, e outro temporário, que fica com o campeão até o próximo ano, quando é disputado novamente, com o registro em uma fita do nome do vencedor. Handel Dias e o Sensei Akira Taniguchi deram este troféu a Ishikawa Sensei, (Handel tinha treinado com Ishikawa em estagio no Japão) em agradecimento pelos ensinamentos e a ajuda aos atletas brasileiros. O troféu foi posteriormente entregue à J.K.F. Goju-Kai e segue sendo disputado ano a ano pelos mais valorosos atletas do Karate Gojū-ryū. Mas em uma das fitas permanece até hoje gravado o nome de Handel Dias como um de seus conquistadores, como uma prova real de sua vitória no país que é o berço desta arte marcial. Pela conquista, Handel Dias deu entrevistas para jornais, revistas e redes de televisão japonesa e brasileira. (OLIVEIRA FILHO, 2012)



Figura 12 - Atletas da Goju-ryu na copa Gojukai após a vitória de Handel Dias, 1996.

Fonte: Blog do karate Goju-ryu. Disponível em:

<http://karategojuriograndedosul.blogspot.com.br/p/titulo-inedito-na-jkf-goju-kai.html>

60 PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1996

ESPORTES

CARATÊ

Gaúcho quebra domínio oriental

Handel Dias foi o primeiro brasileiro a conquistar o ouro em campeonato no Japão



Sonhar: Handel Martins Dias, de 21 anos, espera também assegurar o primeiro lugar quando o caratê tiver confrontos nos Jogos Olímpicos

CATIA BANDEIRA

Handerô, Handerô, saudavam os japoneses. Como não conseguem pronunciar o "P", o nome do gaúcho Handel Martins Dias ganhou uma pronúncia totalmente diferente dos orientais que falavam Handerô com grande respeito. Desde 4 de agosto, o atleta de 21 anos é o único ocidental que conquistou uma medalha de ouro em mais de duas décadas de disputa do Campeonato Anual da Gojuikai, em Sasebo, no Japão. Handel foi o melhor entre 26 caratecas na categoria absoluto, aquela que não tem limite de peso. A maioria dos adversários que Handel superou tinha mais do que os seus 73 quilos e 1m75cm. A velocidade nos golpes do caratê que treina na Associação Cristã de Moços (ACM) desde os 14 anos explica isso.

Para vencer oponentes com até 20 quilos acima de seu peso, é imprescindível exibir a explosão que surpreende o outro competidor. Um dos treinamentos para garantir esse desempenho é constituído de piques de 25 a 50 metros. A adaptação de quase duas semanas antes do Mundial também foi fundamental. Sob a orientação do sensei Akira Taniguchi – o introdutor do estilo Goju-Ryu no Rio Grande do Sul nos anos 70 –, Handel treinou com japoneses a fim de conhecer melhor as características deles. Embora Goju-Ryu signifique golpes rígidos desferidos de maneira suave para ocidentais e orientais, os japoneses atuam de modo diferente. Partem para o confronto em linha reta, utilizam mais os braços do que as pernas e os movimentos são um pouco mais fortes. Handel precisou se aprofundar nessa maneira de combater porque boa parte de seus adversários eram do Japão.

Com Akira Taniguchi, uma espécie de pai-drinho que ajudou a custear as passagens aéreas e providenciou hospedagem para a delegação brasileira, Handel deixou um enorme troféu, cujo sistema de concessão é semelhante ao da taça Jules Rimet. O Brasil a trouxe em definitivo para o Rio só depois de ser campeão do mundo no futebol três vezes. Não voltou com um dos símbolos da inédita vitória porque seria muito complicado despachá-lo. O consolo é a inscrição de seu nome em uma das fitas que cobrem o troféu.

Em casa, pelo menos, estão um outro troféu e a medalha de ouro. Ambos deverão servir de incentivo para os futuros alunos. Embora ainda esteja dividindo seu tempo entre as aulas do quinto semestre de Direito na PUC, à noite, e o estágio na Procuradoria Geral da Justiça do Estado pela manhã e parte da tarde, Handel está procurando um local para começar a ensinar e também a ganhar um pouco mais de dinheiro. Talvez assim possa parar de organizar rifas para financiar as despesas no caratê. A última – de uma agenda eletrônica – foi feita às vésperas da viagem para o Japão. Rendeu cerca de R\$ 100, mas ajudou a engordar o patrocinio do Mauá. Apesar da dificuldades impostas pela cotidiana ginástica de estudar, trabalhar e treinar, Handel sempre se motiva com a possibilidade de talvez até disputar a Olimpíada de Sydney, no ano 2000, se a presença do caratê for aprovada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1997.

Figura 13 – Reportagem do jornal Zero Hora 2 de agosto de 1996.
Fonte: Acervo pessoal professor Luiz Roberto Nunes Padilla.

A importância do trabalho de Akira como mestre e por esse engajamento em prol do esporte levaram-no a se reconhecido e homenageado com do recebimento da Medalha “João Saldanha” ofertado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 1999, indicado pelo Conselho Regional de Desportos (CRD/RS) como treinador de notável mérito, uma homenagem pelo seu trabalho (DUARTE, 2009). Ficou esta data marcada como a sua última visita a Porto Alegre. Contudo, mesmo estando em outro continente, procurou manter contato com seus discípulos, principalmente por cartas.

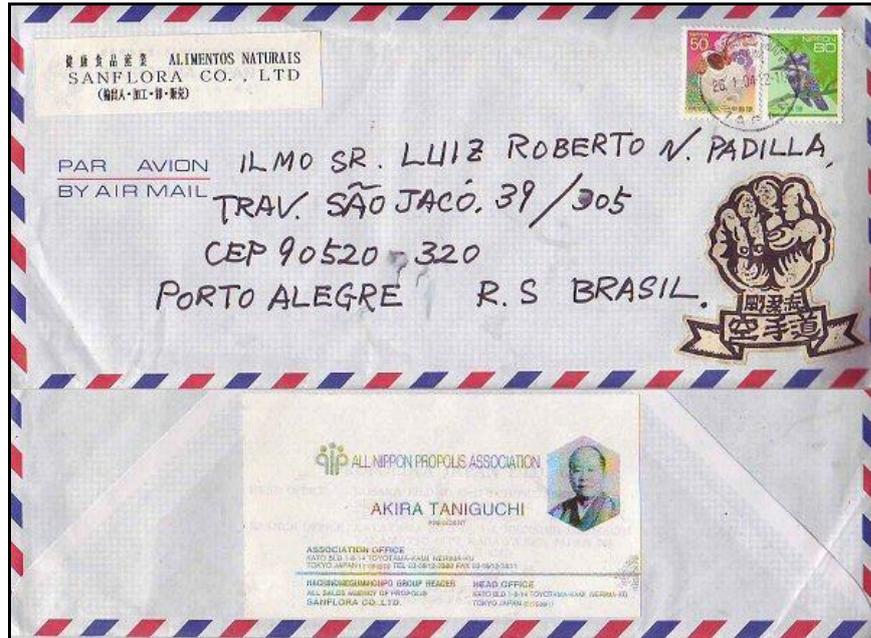


Figura 14 - Carta sensei Akira
Fonte: Arquivo pessoal Luiz Roberto Nunes Padilla

Em uma de suas cartas ele pedia por notícias, agradecia a medalha João Saldanha e pela indicação ao prêmio. Taniguchi faleceu em 12 fevereiro de 2009, ao 8º Dan, na cidade de Takamatsu, conforme o informado por sua esposa, a senhora Ana Taniguchi (SALMON, 2010). No mesmo ano, em novembro de 2009 conforme Processo Nº 1856/09 lhe foi concedido pela Câmara Municipal de Porto Alegre “In Memoriam” o Diploma de Honra ao Mérito pelos seus esforços como treinador.

CÂMARA	
RESOLUÇÃO 2.152, DE 25 DE NOVEMBRO DE 2009	Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.
Concede ao mestre Akira Taniguchi Shihan, “in memoriam”, o Diploma Honra ao Mérito.	GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 25 DE NOVEMBRO DE 2009.
O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE	SEBASTIÃO MELO, Presidente.
Faço saber, em observância ao art. 19, inciso II, alínea “m”, da Resolução nº 1.178, de 16 de julho de 1992, e alterações posteriores, que a Câmara Municipal aprovou e em promulgo a seguinte Resolução:	Registre-se e publique-se: NELCIR TESSARO, 1º Secretário.
Art. 1º Fica concedido ao mestre Akira Taniguchi Shihan, “in memoriam”, o Diploma Honra ao Mérito, nos termos da Resolução nº 2.083, de 7 de novembro de 2007.	

Figura 15 - Resolução da Câmara Municipal de Porto Alegre.
Fonte: Diário oficial de Porto Alegre, 2009, p.7

Sua relação com a capital gaúcha permitiu a realização de um trabalho notável ao longo de vários anos, perpetuado hoje por Hélio Riche Bandeira, atualmente professor de *Karatedō* do Colegio Militar; Luiz Padilla, professor de direito da UFRGS e Arthur Xavier de Oliveira Filho, professor de *Karatedō* na Associação Cristã de Moços (ACM) e um dos mais antigos alunos deste Sensei. O que demonstra que o Gojū gaúcho foi erguido sobre bases sólidas, dedicação, postura e espírito guerreiro, pois Akira, seu difusor, enquanto teve condições de saúde foi sempre um entusiasta do Karate. (PADILLA, 2011)

Porque fora os últimos anos que ele estava muito abatido, abalado, ele sempre era um entusiasta do Karate, mas nos últimos anos de vida ele realmente deve ter tido algum tipo de acidente, não sei exatamente o que. Ele tinha um problema no joelho, possivelmente da guerra, devido a algum ferimento alguma coisa e aí ele começava a mancar, nos últimos tempos ele já andava de bengala, volta e meia... e como não podia se mexer começou a engordar, começou a ter sobrecarga de peso e foi acabando com a saúde. (Luiz Padilla, entrevista em 27/10/2011)

Ao analisarmos a trajetória do mestre Akira Taniguchi em Porto Alegre, percebemos a relevância de retomarmos a história dos esportes, principalmente no que concerne a difusão destes no estado do Rio Grande do Sul. A exemplo do Karate, que se desenvolveu a partir das influências culturais orientais, possuímos muitas outras práticas oriundas de outras culturas que merecem nossa atenção e que devem ser abordadas em nossos estudos. Com isso trajetórias de grandes esportistas devem ser reconhecidas, pois o esporte por ser construído por pessoas tem sua história e memória que merecem ser preservadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos indícios que colhemos a partir de autores, documentos e entrevistas realizadas com professores que treinaram com o mestre Akira pudemos dimensionar a importância de um mestre para o desenvolvimento do Karate. A escassez de fontes em alguns períodos do recorte temporal não permitiu que alguns fatos fossem analisados com mais profundidade. É bem provável que muitas informações acerca da organização do Gōjū-ryū e do próprio Akira possam ainda ser buscadas através de novos depoimentos e pesquisas em fontes ainda não exploradas. Contudo, por outro lado, deve-se salientar a importância da história oral neste estudo uma vez que permitiu que fossem compreendidas outras esferas do universo do Karate: como era ensinado, a relação professor aluno e o desenvolvimento deste esporte através do trabalho deste precursor.

Akira chegou ao Rio Grande do Sul na década de 1970, quando o Karate ainda não era uma prática muito difundida, o que fazia com que a colaboração dos mestres ao incentivo a este esporte fosse algo imprescindível. Neste ponto Akira era um verdadeiro mestre, pois sempre que possível vinculava sua imagem já conhecida a difusão do esporte que escolhera. Reportagens, viagens e aperfeiçoamentos foram constantes durante o período que ensinou Karate em nosso país. Além disso, este sensei mesmo com idade avançada e após retornar ao Japão no final da década de 1980, não abandonou seus discípulos nem sua dedicação ao esporte. Promoveu intercâmbios entre Brasil e Japão contribuindo para conquistas de caráter internacional para o Karate gaúcho. O trabalho do mestre Akira atualmente continua a desenvolver-se na figura de outros grandes mestres como Hélio Riche Bandeira, Luiz Roberto Nunes Padilla e Arthur Xavier de Oliveira Filho.

Torna-se relevante a realização de novos estudos a partir deste tema, tendo em vista o encontro de novas perspectivas que poderão contribuir para a reconstituição da história do Karate no estado sul-rio-grandense.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, Cristóvão de Domingo; GUINDANI, Joel Felipe; SÁ SILVA, Jackson Ronie. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n.1, p.1-15, jul, 2009.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões, 2010. Disponível em: www.Periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024. Acesso em: 21 jan 2012.

BANDEIRA, Hélio Riche. **Percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência**: aplicações educacionais no ensino de artes marciais. 2006.82f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. Entrevista de estudos históricos sobre o Karate. Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 18 ago 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2000.

BARTOLO, P. **Karate-Do**: história geral e do Brasil. Santos: Realejo Edições, 2009.

CPDOC. O que é história oral?, 2009. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervohistoriaoral>. Acesso em: 21 jun 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PORTO ALEGRE. **Diário oficial**. Resolução n.2159 de 25 nov de 2009.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Topói**, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, António; Finger, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FROSI, Tiago Oviedo. Karate-Do no Rio Grande do Sul, de arte marcial a prática esportiva. **Relatório de pesquisa para a Federação Gaúcha de Karate**. Porto Alegre: 2010.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do Karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo: abr./jun. 2011. v.25, n.2, p.297-312.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis:Vozes, 1987.

JKF, Japan Karate-Dō Federation. **Karate-Dō Kata Kyōhan Shitei Kata: Kata Model for Teaching**. Tóquio: Japan Karate-Dō Federation, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OLIVEIRA FILHO,Arthur Xavier.Blog Karate Goju-ryu Rio Grande do Sul.Disponível em: <http://karategojuriograndedosul.blogspot.com.br/p/akira-taniguchi-e-linhagem.html>. Acesso em: 7 fev 2012.

OLIVEIRA, Gabriel Bezerra de; FROSI, Tiago Oviedo. Karate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice; REPPOLD FILHO, Alberto. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

OKINAWA, A Prefeitura. **Wonder Okinawa**. Disponível em: <www.wonder-okinawa.jp/>. Acesso em: 09 mai 2011.

PADILLA, Luiz Roberto Nunes. Entrevista de estudos historicos sobre o Karate. Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 27 out 2011.

SALMON, Richard. **Master Akira Taniguchi & A History of Karate in Brazil**, 2010. Disponível em: <http://www.padilla.adv.br/desportivo/artesmarciais>. Acesso em: 15 set 2011.

SILVA, M. S. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 30, p. 71-98, jun. 2005. [Publicado em 2006]. apud Janotti, Maria de Lourdes Monaco. A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates. **Revista de História Oral**, v. 13, n. 1, p. 9-22, jan.-jun. 2010.

ANEXOS

ANEXO 1

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA
(NOME DA INSTITUIÇÃO)**

Pelo presente documento,.....(nome),
.....(nacionalidade),.....(estado civil),
.....(profissão), carteira de identidade nº.....,
emitida por....., CPF nº.....,
residente e domiciliado em

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao (à) [NOME DA INSTITUIÇÃO] a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral presente no dia, na cidade....., perante o pesquisador.....

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois o (a) [nome da instituição] plenamente autorizado-a a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.
Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente nossos interesses, assinam o presente documento em (02) vias de igual teor e para um só efeito.

.....
Local Data

[NOME DO CEDENTE] [NOME DA INSTITUIÇÃO]

TESTEMUNHAS:

.....
Nome legível: Nome legível
CPF: CPF:

